

ENTREVISTAS

A Trajetória da INTERCOM

Dario Luis Borelli
e Fátima A. Feliciano *

Tendo em vista os 10 anos de fundação da INTERCOM, a ser comemorado no dia 12 de dezembro de 1987, durante o Simpósio "A Pesquisa Brasileira de Comunicação nos Anos 80" (ver programa na seção noticiário), os editores de INTERCOM — Revista Brasileira de Comunicação decidiram publicar nesta edição entrevistas com os quatro primeiros presidentes da entidade: José Marques de Melo, Anamaria Fadul, Gaudêncio Torquato e Margarida Kunsch.

Dessa forma, prestamos uma justa homenagem a quem, no decorrer deste 1.º decênio, não mediu esforços para que a INTERCOM se tornasse uma associação representativa no panorama da pesquisa em comunicação no Brasil.

INTERCOM — Quais as reminiscências que o sr. mantém viva em sua memória por ocasião do dia 12 de dezembro de 1977, data de fundação da INTERCOM?

Prof. José Marques de Melo — As minhas reminiscências sobre o dia 12 de dezembro de 1977 me reconduzem ao edifício da Fundação Casper Líbero, na avenida Paulista, em São Paulo, onde, numa reunião simples de vários pesquisadores que atuavam na USP, na própria Casper Líbero, na Metodista, na FAAP e em outras Escolas da cidade de São Paulo, a INTERCOM foi fundada. É preciso deixar claro que a idéia de fundação da INTERCOM emerge algum tempo antes dessa data. Na verdade, eu pessoalmente já vinha me preocupando com a ausência de uma sociedade científica que congregasse os pesquisadores

* Editores-assistentes de *INTERCOM — Revista Brasileira de Comunicação*.

da comunicação e esse sentimento veio à tona em julho de 1977, quando foi realizada em São Paulo a Reunião Anual da SBPC. Foi uma reunião muito tumultuada, polêmica, porque inicialmente prevista para se realizar em Fortaleza, ela foi de algum modo coibida pelo governo federal e terminou sendo acolhida pela PUC-SP. Vários pesquisadores da nossa área estiveram presentes àquele evento. Constatamos que outras áreas do conhecimento estavam aglutinadas, organizadas, já haviam criado um certo *sprit de corps*, que estimulava a pesquisa e ao mesmo tempo o avanço científico. Na área de comunicação nós não tínhamos praticamente nada, ou melhor, apenas algumas pequenas iniciativas atomizadas, sem coordenação e sem projeção das outras áreas de conhecimento.

Desde então eu comecei a motivar alguns pesquisadores que colaboravam comigo, alguns colegas com os quais eu me relacionava, alguns estudantes de pós-graduação, e discutir com eles a conveniência de criarmos uma sociedade científica nos moldes das outras entidades que existiam no Brasil nas áreas da Física, Antropologia, História, Sociologia e assim por diante. E foi o conjunto de diálogos que desenvolvi no período de julho a dezembro de 1977 que nos levou à reunião do dia 12 de dezembro na Fundação Casper Líbero. Foi uma reunião simples onde discutimos um anteprojeto de fundação da entidade e onde reunimos aquele pequeno grupo que deu origem à INTERCOM.

Naquele momento visualizamos algumas das linhas de atuação da INTERCOM, entre as quais o pluralismo. A INTERCOM nasce com um sentimento de pluralismo, de abrigar pessoas e correntes de opiniões diferentes. Em segundo lugar, a idéia de integração nacional, pois nós tínhamos consciência de que éramos um grupo trabalhando em São Paulo e deveríamos, com a pujança que São Paulo tem, animar o restante dos colegas que atuavam em outras regiões. E em terceiro lugar havia a preocupação de nos mantermos sintonizados com o panorama internacional da pesquisa em comunicação. Nós não tínhamos a intenção de criar uma entidade que tivesse caráter xenófobo ou que assumisse atitudes provincianas. A nossa principal preocupação era ter, desde o começo, uma sociedade científica que demonstrasse publicamente a significação da área de comunicação no país.

Essas são as reminiscências que me vêm à memória neste momento. A título afetivo, eu queria lembrar a presença, naquela reunião, de uma figura humana que foi importante para a INTERCOM. Trata-se do nosso falecido colega, aqui da USP, Francisco Morel, pesquisador da área de Publicidade e Propaganda, que, com sua formação jurídica, elaborou o estatuto da INTERCOM. Foi ele o responsável pela preparação do documento que deu substância formal à INTERCOM.

INTERCOM — O sr. concorda plenamente com a opinião segundo a qual a INTERCOM completa 10 anos de existência graças ao desempenho profissional e acadêmico do sócio-fundador José Marques de Melo?



José Marques de Melo, fundador e 1.º Presidente da INTERCOM.

Prof. José Marques de Melo — Entendo que aí há muita generosidade de sua parte quando faz essa descrição da vida da INTERCOM vinculada a uma única pessoa. Não quero incorrer em falsa modéstia, dizendo que não tive participação decisiva para a construção da INTERCOM. Efetivamente, eu me dediquei durante todos esses 10 anos à solidificação da entidade, mas não concordo plenamente que ela tenha dependido apenas da pessoa de seu fundador e primeiro Presidente. Se eu não tivesse contado com a colaboração, o apoio, a participação e o entusiasmo de muitos outros colegas, a INTERCOM não seria o que é hoje.

Todo o trabalho realizado se fez basicamente em equipe, tivemos desde o início um caráter coletivo, as decisões na INTERCOM são tomadas colegiadamente. Me parece que o sucesso e o êxito da INTERCOM devem ser creditados ao conjunto de pessoas que levaram a idéia adiante e trabalharam em conjunto. Há outras pessoas que tiveram uma importância no desenvolvimento da INTERCOM, como por exemplo, Carlos Eduardo Lins da Silva, Anamaria Fadul, José Salvador Faro, Luiz Fernando Santoro e vários outros. Eu não quero prosseguir na lista para não ser injusto. As pessoas envolvidas contribuíram com o que puderam, com renúncia pessoal e procuraram sobretudo trabalhar num espírito não-competitivo, adotaram um comportamento de colaboração mútua, deram ajuda um ao outro e procuraram atrair as vocações jovens. Quer dizer, os jovens pesquisadores que despontavam no universo brasileiro e que não tinham muitas oportunidades. Porque nós temos toda uma tradição que eu chamaria de oligárquica no campo intelectual. De um modo geral, as oligarquias procuram criar espaços para si, não facilitando muito a emergência de lideranças jovens e nós temos hoje na comunidade científica uma presença marcante de jovens pesquisadores e todos têm sido valorizados.

INTERCOM — *Como o sr. avalia hoje a influência exercida pela INTERCOM na pesquisa em comunicação no país?*

Prof. José Marques de Melo — Sem dúvida alguma a INTERCOM teve uma influência muito grande na pesquisa em comunicação no país. Eu vou tratar de lembrar aqui duas vertentes principais.

Uma delas diz respeito à influência exercida pela INTERCOM na legitimização da pesquisa junto às instâncias oficiais, como agências de financiamento, órgãos governamentais e também junto às entidades representativas da sociedade civil. Porque, até então, nós éramos uma área que não tinha o devido reconhecimento científico. Éramos mais valorizados e reconhecidos pela atuação profissional de alguns pesquisadores, mas nem tanto pela nossa competência científica. E a INTERCOM desenvolveu um trabalho incessante nos primeiros tempos, exatamente para criar um espaço próprio dentro do sistema nacional de ciência e tecnologia. Nós conseguimos, a duras penas, convencer órgãos como o CNPq, CAPES, FINEP, FAPESP, INEP e inclusive a SBPC, da maturidade que as pesquisas em comunicação

vinham atingindo no país e esse trabalho deve ser creditado à INTERCOM. A INTERCOM trabalhou sempre com a perspectiva global e pluralista sem procurar beneficiar esse grupo ou aquela universidade, mas tendo em conta principalmente a dimensão acadêmica da pesquisa em comunicação.

A segunda influência da INTERCOM foi no sentido de fazer avançar os estudos de comunicação em direções que até então eram negadas, omitidas ou marginalizadas. Eu diria que, na década de 80, houve uma preocupação muito grande pela pesquisa em comunicação no Brasil e a INTERCOM foi responsável em grande parte pelo resgate de certos temas e variáveis minimizadas nas décadas anteriores, como por exemplo, a variável política, a preocupação com a comunicação não-hegemônica, com a comunicação das classes subalternas. A INTERCOM se empenhou em fazer da pesquisa uma alavanca para as soluções do país. Nós enfrentamos, no período de transição democrática, inúmeras dificuldades e houve uma tentativa constante em fazer com que a pesquisa em comunicação estivesse sintonizada com o conhecimento da realidade. A linha de conduta da INTERCOM foi trabalhar no sentido de democratizar a comunicação no país e através da pesquisa mostrar que o nosso sistema de comunicação é monopolista, um sistema que tende a marginalizar as grandes maiorias do conhecimento do cotidiano, e efetivamente contribuir para a democratização desse sistema.

INTERCOM — O sr. teve uma participação efetiva durante a implantação do Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa — PORT/COM — órgão complementar da INTERCOM. Como caracteriza o momento?

Prof. José Marques de Melo — O PORT/COM nasce praticamente com a INTERCOM. Ao se criar a INTERCOM, nós já desenvolvíamos uma linha de trabalho relacionada com a documentação. Como pesquisador da área, eu sentia a grande dificuldade de trabalhar sem fontes, sem tomar contacto com o conhecimento acumulado. Isso só a documentação pode proporcionar. Então, os primeiros Boletins INTERCOM já traziam os indicadores bibliográficos e a INTERCOM, no seu segundo ano de existência, publica a primeira Bibliografia Brasileira de Comunicação. Esta foi uma tentativa de fazer com que a pesquisa se realize de forma orgânica e acumulada e não ocorra uma trajetória de pesquisa desarticulada, onde os pesquisadores produzem “conhecimento novo” que repete conhecimentos já produzidos anteriormente.

Houve, então, a disposição de criar o PORT/COM para ajudar os pesquisadores brasileiros. Mas o PORT/COM tinha, como continua tendo, uma outra motivação, qual seja, a de articular a produção científica nos países de língua portuguesa. Portanto, ele já nasce com essa vocação não apenas brasileira, mas também de sistematizar o conhecimento sobre os avanços da comunicação nos países de língua portuguesa. Em função disso, nós temos tentado uma articulação com Portugal e os países de língua portuguesa da África.

Durante alguns anos eu realizei as tarefas do Centro de Documentação — não diria sozinho, mas em grande parte com o meu esforço pessoal, contando apenas com a ajuda de alguns alunos. Nos últimos anos, o PORT/COM vem sendo coordenado pela pesquisadora Ada Dencker, pós-graduanda na ECA-USP, que procura, com o maior entusiasmo, levar adiante essa idéia. O PORT/COM inicia agora uma fase importante em sua vida, que é a de crescimento internacional. Nós acabamos de realizar entendimentos com o IBERCOM — Centro de Documentação em Comunicação dos Países Iberoamericanos — e no mês de dezembro virá ao Brasil o Prof. Dr. Antonio García Gutiérrez, da Universidade Complutense de Madri, Espanha, e um dos consultores da UNESCO na área de documentação. E depois dos contactos realizados com o Prof. Sebastião Diniz, do Centro de Documentação do Governo Português, eu tenho a impressão que o PORT/COM poderá efetivamente se sedimentar no panorama internacional, ocupando o espaço que deve ser atribuído aos países de língua portuguesa.

Neste momento, o PORT/COM enfrenta dificuldades de natureza financeira. Nós não logramos ainda receber o apoio que merecíamos dos órgãos de financiamento à pesquisa no país. No entanto, a atual diretoria da INTERCOM tem procurado realizar entendimentos com o CNPq/IBICT para lograr esse apoio, que, sem dúvida, virá oportunamente.

INTERCOM — Atualmente, além de integrar o Conselho Fiscal da INTERCOM, o sr. é o editor-responsável de INTERCOM — Revista Brasileira de Comunicação. Quais os principais desafios que ela enfrenta para cumprir sua missão de divulgadora de trabalhos inéditos e originais sobre comunicação?

Prof. José Marques de Melo — Na minha maneira de ver, a INTERCOM — Revista Brasileira de Comunicação é o principal instrumento de que dispõe a INTERCOM para se comunicar com os seus sócios, a comunidade científica e mostrar publicamente os avanços que ocorrem em nossa área.

Eu quero lembrar, neste momento, que a existência da *Revista* deve ser creditada a duas pessoas que se empenharam para a sua existência e sobrevivência. Em primeiro lugar, Carlos Eduardo Lins da Silva, que quando eu era presidente da INTERCOM, colaborou intensamente quando para manter o então *Boletim INTERCOM*. Graças ao seu desempenho e entusiasmo tivemos uma linha de atuação de alto nível e ao mesmo tempo não-academicista. E a segunda pessoa que eu quero lembrar é a Profa. Anamaria Fadul, que quando Presidente da INTERCOM lutou para transformar o *Boletim* em *Revista*, na medida em que o *Boletim* já assumia características de uma publicação menos informativa e mais analítica-interpretativa. Ela então tomou essa iniciativa.

Há dois anos, a convite da nova diretoria da INTERCOM, então presidida pelo Prof. Gaudêncio Torquato, eu assumi a sua edição e tenho procurado dar-lhe um status de publicação acadêmica reconhe-

cida por toda a comunidade. Essa tarefa tem sido gratificante porque podemos manter a divulgação de trabalho dos pesquisadores mais amadurecidos e reconhecidos profissional e academicamente. Eu também tenho tido a preocupação de abrir espaço às novas vocações, pois sem que criemos condições de estímulos para os jovens pesquisadores, a pesquisa não avança.

Quero reconhecer que ela ainda enfrenta desafios como fiz questão de chamar atenção em editorial publicado na edição n.º 56. O problema principal é ainda a produtividade reduzida dos pesquisadores brasileiros de comunicação. Há muita gente atuando na área, mas são poucos aqueles que conseguem dar forma final ao produto de sua investigação. E muitas vezes nós temos dificuldades de fazer uma seleção rigorosa do material encaminhado, justamente por falta de trabalhos. Eu tenho procurado pessoalmente e através da equipe que edita a *Revista*, da qual você, Dario, participa, estimular e pedir colaborações de várias fontes, mas ainda é pequeno o número de pessoas que atendem a essas solicitações. Acredito que, com o aumento da pesquisa que atualmente ocorre no país, nós vamos melhorar cada vez mais. A tarefa que vem para os anos seguintes é fazer uma seleção mais rigorosa pela qualidade e competência dos pesquisadores. Nem sempre isso é possível, por um lado, pela pequena quantidade de material enviado, e, por outro, pela necessidade que nós temos de dar oportunidades aos jovens que nem sempre atingiram aquele nível de excelência que nós gostaríamos.

* * *

INTERCOM — Como e quando a sra. inicia atividades junto à *INTERCOM*?

Profa. Anamaria Fadul — Chegou-se à idéia de criação de uma sociedade de pesquisa em comunicação durante uma Reunião Anual da SBPC, realizada em São Paulo. Eu não estava no Brasil naquele momento. Não participei realmente da criação e nem das reuniões que levaram à criação da *INTERCOM*. Eu só entro no final do ano, em 1977, a convite do Prof. José Marques de Melo. Mas, naquele momento, eu estava com problemas de saúde e só entrei formalmente para o grupo, sem uma participação mais ativa.

Foi somente em fins de 1978 que começaria a participar da *INTERCOM*, e de lá para cá tenho participado sempre, até chegar à presidência. Fui do Conselho Fiscal, participei como Vice-presidente e depois fui Presidente.

Eu acho que durante todo esse período tive um trabalho efetivo junto à entidade, tanto em nível de organização, como em nível dos compromissos relativos à instituição. Também fui bastante ligada ao *Boletim INTERCOM*. O *Boletim* era aquilo que nos unia em torno de um projeto. O *Boletim*, que foi dirigido primeiro pelo Prof. José Marques de Melo, passou por uma série de pessoas, chegou ao Carlos Eduardo Lins da Silva e do Carlos para mim.

Fui eleita Presidente em 1983, e ao ser eleita coloquei como prioridade a transformação do *Boletim* em *Revista*, o que efetivamente aconteceu em 1984, já então com um novo formato, projeto gráfico, enfim, mudanças bastante grandes.

Outro item que me preocupava era a falta de agilidade da INTERCOM, por estar sempre sediada em instituições de ensino como a Casper Líbero, Metodista e ECA-USP. Eu sentia a falta de infra-estrutura: telefone próprio, a questão da distância, enfim, uma série de entraves que, na minha opinião, atrapalhavam um pouco o andamento de uma instituição. Foi, então, que se decidiu alugar uma sede, o que aconteceu em março de 1984, e que vai até o momento em que eu deixo a presidência da INTERCOM em 1986, quando ela volta para a Universidade de São Paulo.

INTERCOM — Qual o balanço que a sra. faria sobre sua gestão como Presidente da INTERCOM?

Profa. Anamaria Fadul — Eu acho que a INTERCOM produziu muito durante o período do Marques, mas, na minha opinião, era uma instituição que tinha muito pouca base institucional. Faltava uma secretaria organizada, enfim, faltava consolidar a entidade. Por outro lado, também, faltava organizar melhor o relacionamento da instituição com as agências de financiamento. Acho que isso eu consegui. Pela primeira vez nós conseguimos auxílio da FINEP, auxílio da FAPESP, conseguimos também auxílio para organizar um seminário no Chile, do qual a INTERCOM participou via IDRC, do Canadá. Conseguimos diversificar as fontes de recursos, pois quando assumi a INTERCOM contava apenas com auxílios do CNPq e do Canadá. Nós ampliamos o circuito com a FINEP e a FAPESP.

INTERCOM — Como a sra. avaliaria os eventos promovidos pela INTERCOM durante sua gestão?

Profa. Anamaria Fadul — Na minha opinião, o evento de maior impacto, que teve a maior repercussão na imprensa, foi o Seminário de *Novas Tecnologias de Comunicação*. Eu participei como coordenadora, promovemos o debate na *Folha*, publicou-se muita coisa. Neste Seminário nós tivemos a presença de 19 conferencistas estrangeiros, dos quais só pagamos uma passagem, já que os outros 18 vieram por conta própria. Esse foi um Seminário, como disse anteriormente, de muito impacto, além de ter, sem dúvida, servido para divulgar o que era a INTERCOM. Para esse Seminário vieram sete pessoas que sequer sabiam que a INTERCOM existia, e a partir daí começaram a ter contactos com a instituição. Este Seminário depois deu origem a um livro, que, parece, teve boa aceitação.

Em outros eventos, por estar bastante envolvida na administração da INTERCOM, não pude participar diretamente. A coordenação dos *Ciclos Comunicação, Estado e Sociedade Civil no Brasil e Comunicação e Educação* ficou a cargo do Prof. Marques de Melo. De certa forma

particpei nos dois Ciclos INTERCOM, embora muito mais na parte administrativa, em busca de financiamentos, enfim, mais no tocante à estrutura para que eles pudessem se realizar.

Um outro Seminário que coordenei foi o da UNESCO: *Estratégias para um melhor uso dos meios de comunicação para as populações desfavorecidas: a participação dos receptores*, a pedido da OREALC, e escritório regional da UNESCO. Este foi, segundo o próprio Arturo Matuck, o Seminário de melhor nível da série de três realizados na América do Sul e América Central. Eu acho que esses foram os eventos mais importantes, além de cursos que foram promovidos na minha gestão, na sede da Vila Mariana, dos quais participei fornecendo infra-estrutura.

INTERCOM — Como foi conduzido o programa editorial em sua gestão?

Profa. Anamaria Fadul — Eu creio que, em termos de publicações, conseguimos uma vitória significativa na medida que conseguimos o apoio do CNPq para editar a *Revista*. Foi uma luta bastante grande, pois ela tinha que ser reconhecida como revista científica.

Depois foram publicados dois livros com o apoio da FAPESP, o de *Novas Tecnologias de Comunicação* e o *Obsceno*. Em seguida, e sob a responsabilidade do Prof. José Marques de Melo, publicamos o *Inventário Brasileiro de Comunicação*, que é a maior bibliografia que nós temos. E mais três *Bibliografias Brasileiras de Comunicação*, editadas também com muita luta em termos de apoio financeiro.

Dos outros livros editados na minha gestão, posso dizer que não participei diretamente. Tanto *Comunicação e Transição Democrática* quanto *Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados*, publicados em convênios com empresas comerciais, foram responsabilidade do Prof. Marques de Melo.

Um outro aspecto que acho importante colocar foi em relação ao financiamento do Banco Mundial, por meio da PADCT, ao Seminário de *Novas Tecnologias de Comunicação*. Eu acho que foi o reconhecimento do trabalho que a INTERCOM vem realizando. Foi bastante difícil entrar no PADCT, mas creio que o projeto que fizemos, realmente, foi bastante positivo.

Outro projeto que iniciei mas que não houve tempo para terminar foi o de um *Centro de Documentação em Novas Tecnologias de Comunicação*. Eu creio que agora, talvez, a Margarida dê continuidade a esse trabalho. Eu já havia mantido contactos com o responsável por esse setor e ele havia se comprometido a financiar o projeto que havíamos apresentado. Só há a necessidade de fazer algumas correções para que ele possa ser financiado.

INTERCOM — Qual é a sua opinião a respeito dos Ciclos de Estudos que a INTERCOM promove anualmente?

Profa. Anamaria Fadul — Os Ciclos INTERCOM têm vindo num crescendo. Eu acho que um Ciclo que talvez possamos considerar abaixo



*Da esquerda para a direita: José Marques de Melo, Anamaria Fadul
(2.º Presidente) e Gaudêncio Torquato (3.º Presidente).*

das expectativas foi *Comunicação e Sociedade Civil*, realizado na PUC-SP. Foi um evento que, não sei por que motivos, teve uma baixa participação dos associados, apesar do bom nível dos debates e dos excelentes trabalhos apresentados. Aquele Ciclo efetivamente não contou com uma participação massiva, como tem acontecido nos últimos anos. A partir de 1983 a participação nos Ciclos aumentou bastante, cerca de 200 participantes, e eles têm mantido essa média.

Eu creio que os Ciclos têm se constituído em importantes momentos de discussão sobre a pesquisa, sobre os trabalhos que estão sendo realizados pelos pesquisadores do Brasil.

INTERCOM — Trace um paralelo entre o momento inicial da INTERCOM e a situação atual.

Profa. Anamaria Fadul — Eu acho que começar é muito mais difícil do que continuar. Acho que o mérito da INTERCOM deve ser creditado ao Prof. José Marques de Melo, que tornou realidade uma associação de pesquisadores da comunicação no Brasil. Ele tentou mudar essa mentalidade tão individualista, de cada um trabalhar por si, sem comunicação com os outros. Eu creio que o início foi muito difícil e que algumas coisas foram conseguidas, principalmente o *Boletim* e o *Quem é Quem*, com esforços muito grandes, no sentido de buscar essa comunicação entre os pesquisadores.

Eu acho que a fase atual é de consolidação, e que pode, efetivamente, levar à maturidade da instituição, já que ela completa 10 anos este ano. Eu acho também que a INTERCOM tem muita coisa ainda para realizar, um caminho muito longo para percorrer e muita contribuição a dar à pesquisa em comunicação no Brasil.

INTERCOM — A sra. gostaria de acrescentar algum outro dado significativo?

Profa. Anamaria Fadul — Eu gostaria de falar das dificuldades de se levar adiante uma instituição de pesquisa no país. Acho que a INTERCOM consegue com muito esforço e com muito sacrifício se manter atuante.

Contudo, eu considero que ainda é necessário um esforço muito maior, pois, às vezes, sinto falta de se assumir conjuntamente, coletivamente, a instituição. É claro que se tivéssemos mais dinheiro seria fácil levar uma instituição como a INTERCOM. Mas em face da falta de recursos com que se lida, a INTERCOM é quase um milagre no panorama das associações de comunicação. É muito difícil manter um Congresso anual, revistas, livros etc. Acho que diante desse quadro a INTERCOM produz muito mais do que poderia. Ela está muito além das possibilidades.

* * *

INTERCOM — Quando e como o sr. inicia atividades junto à INTERCOM?

Prof. Gaudêncio Torquato — Eu lecionava na Fundação Casper Líbero, onde o Prof. José Marques de Melo trabalhava. Por conta dos con-

tactos que nós fizemos na época, tudo aconteceu. De fato, havia um vazio a ser preenchido na área de pesquisa em comunicação no Brasil. Tornei-me então fundador da INTERCOM, juntamente com um grupo de cerca de nove ou dez pessoas.

INTERCOM — Qual o balanço que o sr. faria sobre sua gestão como Presidente da INTERCOM no biênio 1985/1987?

Prof. Gaudêncio Torquato — Eu me considero um Presidente de transição, na medida em que assumi a INTERCOM num momento crítico, pois sentia que muitos sócios estavam desinteressados em relação à entidade, sentia que a entidade precisava de uma estrutura mais sólida em termos de apoio administrativo, secretaria, administração de cursos. Somente aceitei a presidência no momento em que houve o compromisso de que cada membro da diretoria assumiria as suas tarefas individualmente. Tentei inaugurar um modelo de gestão em que o presidente fosse apenas um membro a mais da diretoria, não sendo exatamente a estrela principal. Procurei repartir funções, dividir tarefas, fazendo, assim, com que cada um assumisse as suas responsabilidades. Me preocupei fundamentalmente em criar condições financeiras saudáveis para a entidade, deixando-a em condições de cumprir seus compromissos, como por exemplo, a *Revista*, os Congressos, os cursos, enfim realizar seus projetos sem interrupção. Agimos com muito rigor nos controles das contas. Gostaria de dizer que o meu tesoureiro Edvaldo foi uma pessoa rigorosa e preocupada em controlar cada tostão. Por meio de algumas "mágicas" de contabilidade deixamos a INTERCOM em condições extremamente saudáveis.

Como Presidente de transição, de alguma forma, dei início a uma nova fase: adotamos um estilo gerencial misto e de co-gestão. Durante a minha gestão a INTERCOM mudou sua sede, podendo com isso contratar uma secretária executiva, altamente eficiente, que teve uma boa performance na área de organização de cursos (3 a 4 ao mês). A INTERCOM, na minha gestão, caracterizou-se pela tentativa de uma organização mais interna, organização de sistemas, processos e apoio administrativo, enquanto outras gestões foram mais voltadas para fora, no sentido político, no relacionamento com entidades internacionais.

INTERCOM — Como o sr. avaliaria os eventos e as demais atividades promovidas pela INTERCOM durante sua gestão?

Prof. Gaudêncio Torquato — O mais recente Congresso Anual da INTERCOM, apesar de alguns problemas na área organizacional, pareceu-me que atingiu um maior número de participantes, entre pesquisadores, professores, estudantes de comunicação, porque o tema, sem dúvida, era bastante relevante dentro do contexto institucional em que se estava vivendo. De certa forma, acho que os dois Congressos realizados na minha gestão atingiram plenamente os seus objetivos. Em ambos tivemos a presença de convidados da América

Latina. No de 86, essa presença foi mais expressiva que a deste ano, mas a participação deste ano foi melhor.

Me parece que os cursos atingiram resultados mais que satisfatórios. Eu diria até que ultrapassaram as metas programadas, pois a frequência foi bastante expressiva, atendendo não somente profissionais de comunicação, como também a professores e alunos de cursos de iniciação.

A *Revista* teve a sua continuidade garantida e os livros referentes aos Congressos também têm sido editados, basta ver o *Comunicação e Educação*, organizado pela Profa. Margarida Kunsch.

Em resumo, as atividades de cursos, Congressos, projetos de comunicação e os contactos inter-sócios, além da parte institucional da INTERCOM, foram expressivas, marcando a continuidade dos trabalhos, que têm cada vez mais merecido admiração e respeito de toda a comunidade acadêmica.

No aspecto de relacionamento institucional eu ressalto, por exemplo, a presença da INTERCOM na realização do *Comunitech 87*, a se realizar em novembro deste ano em Recife, com a presença de mais de 100 especialistas de comunicação do mundo inteiro para discutir questões relacionadas à difusão de novas tecnologias. A participação da INTERCOM tem sido considerada pela organização brasileira Embrater-DF e Emater-PE como de fundamental importância para o fechamento da agenda.

* * *

INTERCOM — Em que condições a sra. assume a presidência da INTERCOM?

Profa. Margarida Kunsch — A INTERCOM completa, no próximo dia 12 de dezembro, 10 anos de existência. Nesse período ocupou amplo espaço na área de comunicação, ganhando notoriedade nacional e internacional, graças ao desempenho de seu corpo de associados e à gestão de suas diretorias.

Nesse contexto, não posso deixar de destacar alguém que tem funcionado como baluarte, como acionador e animador, que é o professor José Marques de Melo, que não tem medido esforços para tornar nossa entidade cada vez mais dinâmica, produtiva e em crescente expansão.

Todo trabalho desenvolvido pelos ex-Presidentes que me antecederam, José Marques de Melo, Anamaria Fadul e Gaudêncio Torquato, com os quais tenho convivido nos últimos anos, possibilita dar continuidade sem rupturas naquilo que a INTERCOM se propõe a fazer e o que determina sua razão de existir.

Assumir a presidência da INTERCOM, nesse momento, é ao mesmo tempo desafio e satisfação. Desafio pela responsabilidade que comporta estar à frente da entidade, na função diretiva, conduzindo seu futuro e dando prosseguimento a essa caminhada em busca de maior consolidação do campo da comunicação junto à comunidade científica. Satisfação pelo fato de ter oportunidade de poder contribuir

de forma mais participativa nas causas da Comunicação Social, que considero da maior relevância no contexto do sistema social global. E por ser a INTERCOM uma entidade representativa no campo interdisciplinar da comunicação, pelas suas inúmeras realizações culturais e científicas.

INTERCOM — Quais as principais atividades que a sra. pretende desenvolver na INTERCOM?

Profa. Margarida Kunsch — Antes de colocar tudo aquilo que a atual diretoria pretende desenvolver, faço questão de ressaltar a necessidade fundamental de que todos os sócios participem efetivamente da entidade, conjugando esforços juntamente com os integrantes do corpo diretivo. Há que se fazer um trabalho de equipe para que as propostas, a seguir, sejam realmente realizadas.

Abriremos o ano comemorativo de dezembro de 1987 a dezembro de 1988 com um simpósio sobre "A Pesquisa da Comunicação dos Anos 80", a ser realizado de 11 a 13 de dezembro próximo, em Embu, São Paulo, e pretendemos estendê-lo, no decorrer de 88, a nível nacional, realizando-o em conjunto com Departamentos de Comunicação Social das Universidades Federais. Já estamos ultimando contactos com pesquisadores e professores desses departamentos para levarmos à consecução tal iniciativa. Estando, por enquanto, previsto o primeiro, no mês de abril, a ser realizado em Recife, congregando todos os Estados do Nordeste. Em junho, em Vitória, com representantes dos Estados do Centro-oeste e Sudeste. Curitiba sediará os Estados do Sul em outubro, e talvez Maranhão ou Pará os Estados do Norte por volta de dezembro.

Esses simpósios regionais visam fomentar o debate e o incentivo da pesquisa em comunicação social em todas as realidades brasileiras.

Enquanto estudiosos da comunicação, não podemos deixar de salientar a necessidade de termos visão muito mais macro de nossa atuação. Temos que estar engajados com o mundo que nos rodeia, levando em conta suas variáveis políticas, econômicas, sociais, culturais, legais e ecológicas que nos permitirão enxergar muito mais longe qual o papel que a comunicação poderá desempenhar na sociedade contemporânea.

Tencionamos, também, nesse mesmo ano, lançar o *Prêmio INTERCOM de Comunicação*, dirigido a estudantes de graduação e pós-graduação em Comunicação Social, por meio de concurso de monografias/ensaios com temas relacionados com todas as habilitações dessa área.

Um dos projetos em andamento é a ampliação da linha de publicações. Além do livro anual, de bibliografias de comunicação, da revista e dos cadernos, pretendemos fazer publicações específicas de temas dos últimos eventos paralelos do Congresso 86/87, como, por exemplo, Divulgação Científica, Comunicação Rural, Metodologia da Pesquisa em Comunicação, Documentação etc.

Reafirmando nossas propostas já delineadas por ocasião do processo eleitoral, faço questão de reproduzi-las aqui, uma vez que juntamente com os meus colegas de diretoria assumimos compromissos com os associados. Por isso, além das atividades normais, já conhecidas, que normalmente a INTERCOM desenvolve, é nossa intenção levar a efeito as seguintes:

— Criação de um Centro de Estudos Avançados da Comunicação — CEAC, mediante a instalação de comissões setoriais permanentes no quadro associativo da INTERCOM;

— Desenvolver seminários e colóquios dirigidos às linhas de pesquisa prevaletentes entre os sócios da INTERCOM e cujo objetivo será o debate de experiências e a atualização de temas, além do congresso anual;

— Estabelecer convênios com entidades internacionais, por meio de troca de experiências entre pesquisadores de comunicação no Brasil com pesquisadores de outros países. Já estamos ultimando contatos com o México, que, provavelmente será com quem primeiro efetivaremos tal proposta;

— Promover uma maior abertura da INTERCOM junto aos órgãos de divulgação. Isto é, fazer com que nossa entidade seja conhecida no meio da grande imprensa, propiciando a presença dos sócios nos programas de debates das questões nacionais inerentes ao mundo interdisciplinar da comunicação;

— Criar relações mais estreitas com as áreas afins da comunicação e seus órgãos de classe representativas das diversas áreas (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Radialismo, Cinema e Produção Editorial);

— Proceder à atualização e reformulação do atual estatuto, adaptando-o ao crescimento de nossa entidade nesses 10 anos e às exigências dos novos tempos;

— Reativação das Seções Estaduais, incluindo-as no futuro estatuto, compondo, por conseguinte, o quadro diretivo da entidade, bem como promovendo encontros regionais dos sócios sobre temas de interesse local/regional, como cursos, seminários e simpósios;

— Fazer com que o *Boletim Notícias INTERCOM* tenha uma periodicidade certa (bimestral) e seja o elo de integração dos sócios, dependendo, é claro, da contribuição dos mesmos, mediante o envio de informes sobre suas atuações e pesquisas.

Agora, para que a INTERCOM possa cumprir com eficiência seus objetivos e sua programação, é preciso que os associados se engajem no esforço da entidade, participando dos seus eventos, oferecendo sugestões e se fazendo presente no contexto da intensa participação pela reconstrução e aperfeiçoamento da ordem institucional e democrática do país.

INTERCOM — Atualmente, a INTERCOM conta aproximadamente com cerca de 600 associados. Há alguma coisa sendo feita para ampliar esse número?

Profa. Margarida Kunsch — É nossa intenção abrir a INTERCOM o máximo possível. Para isso, temos que nos organizar e começar por um trabalho de pesquisa, fazendo um levantamento completo de professores, pesquisadores e profissionais de comunicação e de outras áreas de conhecimento que se preocupam de forma interdisciplinar com as questões emergentes da comunicação.

Está sendo planejada a elaboração da futura publicação do *Quem é Quem na Pesquisa em Comunicação no Brasil*, e será um meio utilíssimo para ampliarmos o quadro associativo.

Temos que desenvolver um trabalho de recuperação de sócios antigos para que voltem a contribuir com sua reintegração.

Estamos também enviando correspondências para todas as Escolas de Comunicação do Brasil, solicitando a relação de professores, a fim de convidá-los a se filiar à entidade. E em encontros pessoais que tenho tido em universidades, seminários, palestras, tenho me dirigido aos colegas, mostrando a importância de sua participação e filiação.

Evidente, trabalho dessa natureza não pode se limitar apenas a diretoria. Cada sócio deve, proselitivamente, no seu dia-a-dia, cooperar nesse sentido. Só assim teremos condições de fazer algo significativo em termos de ampliar o número de associados.

A diretoria de uma entidade deve funcionar como ponto convergente, que tem sob seus ombros o ônus de administrá-la, a eficácia de suas ações e a dedicação, a abnegação de muitas horas de convívio familiar, de lazer e das atividades profissionais dos seus membros, que só quem participa ativamente dos órgãos de classe sabe. As atividades encontrarão eco se todos os sócios realmente participarem da organização. A INTERCOM deve ser todos nós.



Margarida Kunsch, atual Presidente da INTERCOM.